

AJ05317

Balnearios de Itaipava

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

História prosaica da Festa da Penha

Hoje é dia da Festa da Penha, um dos mais festejados acontecimentos turísticos religiosos do Espírito Santo, quando quase todos os capixabas rendem homenagens à sua padroeira, a Virgem da Penha.

São muitas as histórias que se contam sobre o notável monumento como o caso dos holandeses, nos primórdios do Brasil colônia, que foram obrigados a fugir do penhasco da Santa graças a um exército de anjos vindo dos céus a pedido da Virgem da Penha.

E muitas outras de igual teor hoje inculcadas nas mentes e corações dos fiéis que nelas acreditam piamente como convêm a todo fiel que se preze.

Mas no mesmo Convento da Penha, em tempos mais recentes, aconteceram histórias notáveis de milagres inacreditáveis que os religiosos mostram como atos divinos e a ciência define de maneiras diversas na vã tentativa de explicar o inexplicável.

O inegável e ninguém pode discutir é o fato de o Espírito Santo possuir um dos mais exuberantes marcos da fé católica no mundo.

Houve um tempo que os festejos da Festa da Penha eram apenas as missas no adro da capela da Virgem e duas romarias que aconteciam nos finais de semana que precediam à festa: uma era a romaria dos homens às sextas feiras e a outra era a romaria das mulheres aos domingos.

No princípio essas procissões noturnas aconteciam dentro de um ambiente de respeito em que só se ouviam as orações dos fiéis.

Com o passar dos tempos a coisa degingolou para desordem generalizada o que forçou os freis a tomarem providencias especiais como proibir determinadamente o consumo de bebidas durante o trajeto até o convento.

Então inventaram a tal da "festa profana" que passou a ser realizada nas ruas do entorno do Convento onde barraquinhas vendiam imagens sacras e de uma hora para outra passaram a vender também bebidas alcoólicas, sendo que em algumas delas até bailes eram improvisados para 'festejar a data'.

Pois foi justamente em uma destas sucursais do diabo que

Giuseppe e Camilo, amigos de longa data, se encontraram depois de muitos anos sem se verem.

Ambos eram colonos no interior e sempre haviam sonhado em ver de perto a festa dedicada à padroeira dos capixabas. Porém o trabalho duro na lavoura naqueles tempos bichudos com pouco transporte e sem estradas sempre adiava o projeto.

Até que por pura coincidência os dois, já pais de família e morando em paróquias diferentes, se encontraram nas primeiras horas da manhã do dia da festa quando estavam entrando no portão do Convento.

Depois de muitos abraços e mostras de satisfação resolveram entrar em uma das tais barracas para tomar um vinho em homenagem ao reencontro.

E assim, de conversa em conversa, passaram do vinho para cerveja e não demorou muito para intercalarem acom fartas doses de cachaça pura.

E a coisa ficou quente quando Giuseppe falou mal do chefe político da região onde viviam e do qual o Camilo era correligionário fanático.

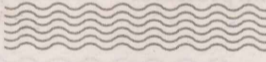
Não demorou muito para a discussão se transformar em ofensas e depois de algum tempo os dois amigos estavam aos tapas.

No dia seguinte, ressaqueados pelo álcool e amarrotados pela noite no xadrez da delegacia, os dois

ouviram a maior compostura do delegado.

Mas o pior estava ainda por vir: quando botaram os pés na rua lá estavam aos prantos suas mulheres arrastando os filhos e acompanhadas por quase toda comunidade onde viviam no interior. Uma vergonha que milagre algum poderia resolver...

No ano seguinte Camilo e Giuseppe voltaram com as famílias para pedir perdão à santa. E foi por esta e por outras que a tal da "festa profana" também acabou sendo proibida na época. Ainda bem!!!



Então inventaram a tal da "festa profana" que passou a ser realizada nas ruas do entorno do Convento da Penha